

INTERVENÇÕES EM PEQUENOS GRUPOS: UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

LARISSA LIMA NASCIMENTO COSTA¹; PATRICIA MOURA PINHO²

¹Universidade Federal do Pampa – lari.limacosta@gmail.com

²Universidade Federal do Pampa – patriciamourapinho@ig.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge da primeira prática efetivada pelo subprojeto Alfabetização e Educação Inclusiva da Universidade Federal do Pampa – campus Jaguarão/RS - vinculado ao edital 2009 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES, do curso de Pedagogia, no mês de agosto do ano de 2012 e que até hoje perpassa pelas ações realizadas pelos bolsistas.

O trabalho dos bolsistas na Escola Municipal de Ensino Fundamental General Antônio de Sampaio, localizada no município de Jaguarão/RS, se divide em três modalidades: atendimento em pequenos grupos, atividade de iniciação à docência compartilhada em sala de aula e atendimento na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A prática com a utilização dos jogos ocorre em todas as modalidades citadas, porém neste texto, foca-se a dinâmica realizada nas intervenções em pequenos grupos. Este modelo de atendimento ocorre através de uma mediação, em um outro espaço escolar, além da sala de aula, com um grupo menor de alunos para que possam ser realizadas atividades específicas para cada nível de aprendizado dos alunos. Nessa modalidade o atendimento reforça a proposta didática do professor titular da turma, mas com o apoio centrado às necessidades de aprendizagem dos alunos, no qual o professor titular por muitos momentos não consegue atender em sala de aula.

Para que esses atendimentos em pequenos grupos fossem efetivados e contribuíssem no avanço do processo de alfabetização das crianças, o grupo adotou como recurso a caixa de Jogos de Alfabetização produzidos pelo Centro de Estudos em Educação e Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco, e atualmente conta, também, com os jogos Trilhas criado pelo Instituto Natura com o apoio do Ministério da Educação (MEC). Os jogos partem de um princípio lúdico contribuindo para o desenvolvimento cognitivo do aluno, de forma que possibilite a promoção das palavras, sons e letras de forma que esses elementos se tornem cada vez mais significativo em sua rotina de uma forma que atinja uma prática singular na infância que é o brincar (KRAMER, 2006).

Os resultados que serão expostos nesse texto são preliminares e baseados nas observações e reflexões dos alunos bolsistas que realizam esse trabalho, pois a última avaliação escrita que mostrará as possíveis evoluções dos alunos ocorrerá na última semana do ano letivo.

2. METODOLOGIA

As atividades do PIBID Alfabetização e Educação Inclusiva na escola deram início em setembro de 2012. A inserção na escola não ocorreu de forma direta de atuação com os alunos das turmas regulares e os atendidos na sala de AEE. Nosso trabalho deu início com uma pesquisa sócio antropológica que buscou

abranger desde os elementos e documentos que constituem a instituição escolar até o conhecimento do entorno da escola, podendo nos aproximar com a realidade da comunidade no qual a mesma se integra.

Após realizarmos os levantamentos e as análises, à luz da pesquisa sócio antropológica, fomos apresentados às turmas regulares nas quais os bolsistas realizariam seus trabalhos.

Então, para começarmos os planejamentos centrados nas necessidades dos alunos, realizamos testagens, para identificar o nível de aprendizado de cada aluno, pautadas nos estudos de FERREIRO e TEBEROSKY (1999). As testagens ocorrem de forma individual, um aluno por vez é chamado para escrever o que é ditado pelo professor-pesquisador. São quatro palavras escolhidas considerando o mesmo campo semântico, na ordem: dissílaba, trissílaba, polissílaba, monossílaba e também é solicitada a escrita de uma frase que contemple a palavra dissílaba que foi ditada. No estudo realizado pelas autoras é possível constatar que os sujeitos participantes do processo de aquisição da escrita podem passar por cinco níveis, sendo eles:

nível 1 - escrita como reprodução de traços típicos da mesma, sendo que a intenção subjetiva do escritor prevalece sobre o resultado objetivo da escrita, impedindo a transmissão de informações; nível 2 – surge a necessidade de diferenças objetivas na escrita, sendo a quantidade e a variedade de grafismos os dois critérios básicos para que logo possa ser lido; nível 3 – surgimento da hipótese silábica, marcada pela tentativa de atribuir valor sonoro a cada uma das letras que formam uma escrita; nível 4 – necessidade de uma análise além da sílaba, pelo conflito entre a hipótese silábica e o critério da quantidade mínima de grafismos e, também, pela comparação entre as formas gráficas apresentadas pelo meio e a leitura das mesmas na hipótese silábica; nível 5 – cada um dos grafismos corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, sendo possível também a análise sonora dos fonemas para a escrita das palavras, constituindo então a escrita alfabética, ponto final desse processo, segundo as autoras. (PINHO, 2006)

Após realizarmos as testagens e identificarmos os níveis de cada aluno, fizemos uma seleção no qual os alunos que estariam no nível 3 e 4 participariam dos atendimentos em pequenos grupos, pois como o trabalho deu início no mês de outubro/2012 era possível que esses alunos avançassem em tempo hábil para o último nível (5).

Com o registro das crianças e o pouco tempo hábil de participação que pudesse contribuir para a evolução das crianças em processo de alfabetização, foi pertinente para o atendimento em pequenos grupos a utilização dos Jogos Fonológicos de Alfabetização, produzidos pelo Centro de Estudos em Educação e Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco e distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC) a todas as escolas públicas brasileiras, no ano de 2011. A proposta dos jogos visa oportunizar aos alunos o entendimento do funcionamento fonológico do sistema de escrita alfabético, fazendo com que eles possam identificar a função dos fonemas e como eles estão presentes na escrita alfabética.

Os jogos são um recurso para a apropriação da prática da consciência fonológica, pois, de acordo com COSTA (2003), FREITAS (2005) e GUEDES (2010), a sensibilidade para relacionar os sons da fala à escrita exige exercício e sistematização por parte do professor alfabetizador. Por partirem de um princípio lúdico e de uma atividade necessária da vida de uma criança, a brincadeira, o trabalho pode se tornar muito mais significativo.

A metodologia utilizada para diagnosticar o nível da aquisição da escrita também perpassou pelo início do ano letivo de 2013 quando o grupo, novamente, ingressa á escola com suas respectivas turmas. Então, é necessário identificar a cada início e término de ano letivo os possíveis avanços que ocorreram e propor um planejamento que considere o nível em que o aluno está visando o seu desenvolvimento e avanço no processo de alfabetização.

No mesmo, os alunos bolsistas também agregaram às suas práticas os Jogos Trilhas foi desenvolvido pelo Instituto Natura (IN) e da Comunidade Educativa CEDAC, e, a partir de 2011, também com o Ministério da Educação. A partir do ano de 2012, mais de 3 mil municípios receberam o material para contribuir com o “[...] trabalho docente no campo da leitura e da escrita com o objetivo de inserir as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental no universo letrado.” (disponível em: <http://www.portaltrilhas.org.br/PortalTrilhas.html>)

Como dito anteriormente, os estudos de FERREIRO e TEBEROSKY (1999) é a base que utilizamos para compreender o nível e o processo de aprendizagem de nossos alunos, porém outra concepção que adotamos no PIBID de forma interdependente e indissociada à de alfabetização (SOARES, 2003), é a do letramento, compreendendo que o letramento surge para cumprir a função social da leitura, da escrita e da oralidade:

Antes, nosso problema era apenas o do “estado de condição do analfabeto” – a enorme dimensão desse problema não nos permitia perceber esta outra realidade, o “estado ou condição de quem sabe ler e escrever”, e, por isso, o termo **analfabetismo** nos bastava, o seu oposto – **alfabetismo** ou **letramento** – não nos era necessário. Só recentemente esse oposto tornou-se necessário, porque só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas ler e escrever, é preciso também fazer o uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o recente surgimento do termo **letramento** [...] (SOARES, 1996, p. 20).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dessa forma o projeto ainda está em fase de execução, encerrando suas atividades no mês de dezembro do ano de 2013, o que não pode-se trazer para este resultados efetivos ou comprovados quantitativamente. No entanto, os resultados preliminares, que aqui são apresentados, baseiam-se nas análises das atividades realizadas, bem como a participação dos estudantes na mesma e as reflexões da participação, execução e possível evolução que os alunos vem apresentando a cada intervenção.

Vale ressaltar que as intervenções em pequenos grupos, atualmente, é realizada com os alunos que possuem maiores dificuldades a partir do processo de alfabetização e que essas atividades, apesar de levarem como recursos os jogos citados anteriormente, também são desenvolvidas de acordo com o que é proposto pela professora titular em seus planejamentos.

4. CONCLUSÕES

Portanto, destaco nesse momento, a importância do trabalho que “olha” para as necessidades de aprendizagem dos alunos com maiores dificuldades, pois assim como é colocado por BEYER (2006) “[...] educar é confrontar-se com esta diversidade [...]”, complementando é poder ensinar sendo ensinado.

O atendimento em pequenos grupos é uma parte do tempo, de um dia na semana letiva, que leva o aluno ao aprendizado em uma forma lúdica, no qual o professor está sentado ao seu lado, provocando o seu pensar sobre a atividade proposta. É vivenciar com seu aluno as dificuldades e as possibilidades de potencializar o seu aprendizado.

Destaco, também, a importância da participação no grupo que estuda e pratica acerca da Alfabetização e Educação Inclusiva, pois é possível proporcionar a aquisição de novos conhecimentos sobre a prática docente e a apropriação de conceitos e saberes que constituem a prática do professor-pesquisador que puderam estar presente em toda investigação no entorno da escola até a pesquisa dos conhecimentos competentes ao que se refere à leitura e a escrita.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola:** de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2006. 2ª ed.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

Capítulo de livro

FREITAS, Gabriela Castro Menezes de. Sobre Consciência Fonológica. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (org.). **Aquisição Fonológica do Português.** Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2005. p. 179-192.

GUEDES, Mariana Chaves Ruiz; GOMES, Christna Abreu. **Consciência fonológica em períodos pré e pós-alfabetização.** In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição, 2010. Nº 41, p. 263-281.

KRAMER, Sônia. A singularidade da infância. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra; NASCIMENTO, Aricélia. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 13-23.

Artigo

COSTA, Adriana Corrêa. Consciência Fonológica: relação entre desenvolvimento e escrita. **Revista Letras de Hoje.** Porto Alegre, v. 38, nº 2, p. 1 – 204, 2003.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio.** v. 3, nº 29, 2004.

_____. Letramento em verbete: O que é letramento? **Presença Pedagógica.** v. 2, n. 10, p. 15 – 25, 1996.

Tese/Dissertação/Monografia

PINHO, Patrícia Moura. **Currículo e Alfabetização nos Planos de Estudos:** construções interdiscursivas. 2006. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.